

Importância da política de casamentos - conjuntura em que surge Carlos V

Ideia generalizada do carácter transitório e irreal deste império.

Objectivo do artigo: sem negar o carácter de irrealidade no sentido político, sugerir que é enquanto «fantasma» que o império de **Carlos V** tem uma importância incalculável -

- fazendo reviver a ideia de império,
- repandindo-a através da Europa graças aos símbolos da sua propaganda,
- ressuscitando o próprio império, num momento em que o pensamento político mais desenvolvido o desacreditava.

58

O estudo centra-se, não na realidade política, mas na ideia de **Império** e na de **esperança imperial**.

**R. Folz** (1953): diferentemente da noção política de Império, a esperança imperial mantém-se extremamente flúida; move-se sempre no plano universal.

Todos os renascimentos do Império transportam um «fantasma» - o renascimento da esperança imperial universal. Estes renascimentos, como o de **Carlos Magno**, não tiveram nunca realidade política ou grande duração: foram apenas os seus fantasmas que duraram e exerceram uma influência política contínua. O império de Carlos V fez penetrar no mundo moderno a influência deste fantasma.

Estudo da recuperação ilusória da esperança imperial sob Carlos V considerando, sobretudo, o seu reflexo no simbolismo e as suas imagens poéticas.

Este renascimento teve influência sobre a utilização crescente da ideia de império em favor das monarquias nacionais nascentes na Europa.

#### I - A IDEIA MEDIEVAL DE IMPÉRIO

Ano de **800** - sagração de Carlos Magno na catedral de São Pedro: é a primeira renovação imperial depois da Antiguidade, marcando o início da Europa moderna. Carlos Magno foi considerado o legítimo herdeiro do império romano, em virtude da **teoria da transferência do império**. Tal como Constantino transferira o Império para o Oriente, Carlos Magno trazia-o de volta ao ocidente.

59

O seu título comporta então, em teoria, a completa hegemonia romana sobre o mundo - o governo universal.

**Santo Agostinho** - Em *De civitate Dei*, considera que a cidade terrestre (cidade do demónio) é a sociedade pagã, o Império Romano, cujas pretensas virtudes morais eram incapazes de instituir uma ordem moral no mundo...

Porque restaurara então o papa - vigário do Cristo, chefe da *civitas Dei* - o Império? A resposta é que o Império agora restaurado devia ser o Império Cristão: o Imperador devia ser o defensor da *civitas Dei*, e ajudar a transmitir pelo mundo a mensagem de Cristo.

As personagens do Imperador e do Papa atravessam lado a lado a Idade Média, sendo o Papa o chefe da Igreja e o Imperador o do mundo. Este não teve nunca um poder real sobre o século comparável ao do Papa sobre a Igreja. Governava apenas alguns territórios, sobretudo na Alemanha; a sua suserania sobre os outros monarcas estava mal definida e era frequentemente contestada. No entanto, a própria existência de um imperador servia para atestar a **origem comum a toda a Europa** - o Império Romano.

É o papa que coroa o Imperador; este repete no plano temporal a ordem espiritual.

60

Os direitos dos imperadores nos concílios da Igreja são contestados.

A santificação do ideal imperial favorecida pela tradição que atribui a Roma um papel providencial - preparar historicamente a chegada de Cristo.

**Virgílio**: A *Eneida*, glorificando Augusto, torna-se uma obra semi-sagrada, glorificando o meio histórico do nascimento do salvador. Virgílio é encarado como uma espécie de profeta, ao proclamar o regresso à Idade do Ouro, o reino da virgem *Astrea* (a Justiça), e o nascimento de uma criança que reinaria sobre um mundo reconciliado.

«Encaixando» estas «profecias» no Cristianismo, torna-se possível aplicar a retórica pagã imperial relacionada com as renovações periódicas do Império (ou retornos da Idade do Ouro) aos imperadores medievais cristãos, e conservar em parte esta visão cíclica do processo histórico, ainda que sob uma forma cristianizada.

61

Considera-se, durante a Idade Média, que o *imperium* (no sentido temporal do termo - direito de governar o mundo) se encontra renovado ou restaurado em Carlos Magno e mantido nos imperadores medievais.

A sagração de Carlos Magno representa a transferência do Império aos Germanos/Francos. Não se concebia conscientemente a atribuição deste poder a uma determinada nação ou dinastia.

O papa pretende encontrar no imperador um aliado temporal para a sua defesa.

O ideal imperial assume um carácter nórdico, nos ciclos de poesia épica que o nome e a memória de Carlos Magno inspiraram. O império é transportado para um mundo feudal, em que a afirmação da *pax* e a *justitia* está a cabo dos cavaleiros e das suas virtudes guerreiras.

A esta concepção nórdica e romântica do Imperador ideal sobrepôs-se, no fim da Idade Média, uma teoria extremamente precisa da função imperial. Para esta, contribuiu de forma muito importante o renascimento do direito romano em Bolonha.

62

O direito romano define o Imperador como *Dominus Mundi*. Os defensores medievais do império afirmam a soberania do Imperador sobre todos os monarcas - o princípio feudal da suserania é reinterpretado nos termos do direito romano.

**Frederico II**: um dos que formularam de forma mais significativa o imperialismo da época medieval.

O **século XIII** foi o século do Direito:

- o renascimento do **direito romano** esclarece a posição do imperador
- o aperfeiçoamento do **direito canónico** sob os grandes papas canonistas (como Inocêncio III) esclarece a posição do papa

O equilíbrio delicado entre os dois poderes é condição essencial para a desejada unidade mundial. Quanto mais definidos legalmente são os domínios de cada um, maior é o risco de um conflito.

O imperador, para além de representar a justiça divina sobre a terra, é o **intermediário semi-divino** por cuja acção ela é aplicada.

63

**Frederico II** reestabelece a adoração do Imperador.

A justificação filosófica do governo imperial apoia-se em três conceitos:

- *Necessitas* - a necessidade de existência de um soberano para dirigir as matérias de estado é uma «lei da natureza»;
- *Justitia* - a justiça do governo é uma lei divina;
  - *Providentia* - é graças à providência que o imperador romano é o soberano justo e necessário.

Apesar de ter sido um verdadeiro imperador sobre a Sicília, nos estados do Norte que estavam sob a sua tutela, **Frederico II** não foi mais do que um suserano feudal.

Dois tipos de *renovatio* do Império:

- o de cariz feudal, que Frederico II exerce nos estados do Norte (Imperador = suserano);
- o que se encontra nos territórios da Sicília (muito mais próximo do «verdadeiro» império).

64

F. Yates sugere que são estes dois modelos de *renovatio* imperial que formam a essência do **Gibelinismo**.

*Le Gibelin recherche la rénovation de l'Empire, l'avènement d'un Maître du Monde idéal, et le regne de la justice et de la paix dans un nouvel Age d'or.*

A sujeição teórica do imperador ao papa é sempre publicamente reconhecida por Frederico, mas não foi possível evitar a querela entre os dois chefes da cristandade. As fases desta foram tornadas públicas nos manifestos de ambos.

**Frederico II** responsabiliza o papa pelos problemas que ameaçam, a paz europeia e acusa-o de orgulho e avarizia. À medida que se desenvolve o conflito, o imperador tende a tomar uma atitude moral e reformadora - a ele compete conduzir as cruzadas e converter os infiéis.

65

A missão imperial, no seu aspecto religioso, toma a forma de uma concepção mística de Adão - Este fora o primeiro mestre do mundo. Ao Imperador compete então estabelecer sobre a terra uma lei que permita aos homens o regresso ao tempo de Adão antes da queda, ao Paraíso Terrestre. O imperador assume assim o papel de **redentor** da humanidade, semelhante ao de Cristo (ainda que limitado ao domínio temporal).

Estas noções constituem um desenvolvimento extremo do processo de santificação da *civitas terrena*, a sociedade temporal, que se encontrava implicitamente contida na ideia medieval de Imperador (posição contrária à de Sto. Agostinho).

Com a morte de **Frederico II** extingue-se a tentativa mais séria e coerente de restaurar o império romano; no entanto, a sua memória permanece.

**Dante** coloca Frederico II no Inferno; no entanto, apesar de n'A *divina comédia*, se distanciar deste *protagonista do imperialismo gibelino*, na *Monarquia* expõe uma teoria que parece ter sido influenciada pela teoria de Frederico e pela forma de governo exercida na Sicília.

Definição de **Dante** de Monarquia/Império: «*La monarchie temporelle que l'on appelle Empire, est un Principat au-dessus de tous ceux qui existent dans le temps, ou dans les choses que l'on mesure à l'aide du temps*» - a monarquia temporal pertence à história deste mundo, e não ao mundo espiritual, que está fora do tempo.

Necessidade de uma ordem política semelhante à ordem natural - a **monarquia universal** submetida a um chefe único.

II - MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS PELO HUMANISMO  
NA CONCEPÇÃO MEDIEVAL DO IMPÉRIO  
III - ETAPAS QUE CONDUZIRAM À DESTRUIÇÃO DO CONCEITO DE IMPÉRIO  
SOB A INFLUÊNCIA DO NOVO PENSAMENTO HISTÓRICO E POLÍTICO